



Negócio de família



A agricultura familiar é responsável por boa parte da comida que chega até a nossa mesa. Uma vocação que passa de pai para filho, carrega as tradições e envolve 11 milhões de brasileiros

Sábado, 7 horas da manhã, Piraju, cidade próxima a Avaré, interior de São Paulo: João e Benedito Pontes estão diante da porteira do sítio de 30 alqueires que possuem, dos quais metade está ocupada pelo cafezal que os irmãos plantaram recentemente, depois de retirarem os pés do antigo proprietário. Pé de café, em média, demora cinco anos para começar a produzir, mas esses com menos de dois já começavam a dar retorno do investimento, graças aos modernos processos de enxertia empregados. Se continuarem a cuidar bem dos 14 mil pés, os irmãos terão, facilmente, produção até meados da próxima década.

Depois de mais alguma espera, eles veem, no alto da estrada serpenteante que liga o centro de Piraju ao bairro do Cágado, a máquina que aguardam: é uma colheitadeira de café. Desta vez, o equipamento fará o serviço de apanha das cerejas, como são chamadas as sementes de café maduras, em uma etapa feita anteriormente por diaristas contratados e pelos integrantes da família Pontes. Até o ano passado, eles admitiam esses profissionais por 30 ou 60 dias no período da colheita, mas agora preferem alugar a colheitadeira.

A máquina sobe acima dos pés e balança os galhos, fazendo com que os grãos caiam sobre uma lona. Paga-se por hora e, caso necessário, trabalha-se à noite. Outra vantagem, explica João, é dispensar as obrigações trabalhistas, que, se por um lado trouxeram certo regramento para a zona rural após a Constituição de 1988, por outro tornaram cada vez mais rara, e cara, a mão de obra no campo. Ao economizar na colheita, a família consegue minimizar as últimas perdas com o café, que, por sofrer as oscilações típicas das commo-

▶ A plantação de alface, em Jaguariúna, também no interior paulista, é tocada no sistema de agricultura familiar









◀ Em Piraju, interior de São Paulo, os irmãos Pontes aplicaram modernas técnicas de enxertia em seus 14 mil pés de café

dities comercializadas em bolsas de valores, tornou-se negócio de alto risco para um arranjo como este, a chamada agricultura familiar.

Benedito é solteiro, e João tem três filhos, dois deles ainda estudantes. A filha mais velha, embora goste da vida no sítio e maneje com desenvoltura o trator para espalhar as sementes de café que precisam secar ao sol, cursou pedagogia e dá aulas na cidade. O pai não quer que ela siga a mesma vida que ele, de produtor. Está desgostoso com a situação da lida no campo.

Sábado, 7 horas da manhã, Itaí, interior paulista, próximo à divisa com o Paraná: Luis Antonio Joveli desce de sua picape e se reúne aos irmãos Domingos e Roberto. Juntos, eles tocam a fazenda Palmital, que, além de criar gado de corte, produz trigo, soja e milho. De vez em quando, também plantam aveia branca, a mesma usada no consumo humano, ou aveia preta, esta apenas para ração dos bovinos. Os irmãos Joveli, depois que vieram de Piracicaba com o pai, Octavio, encontraram nessa região de suaves inclinações, localizada entre a represa de Avaré e o rio Paranapanema, um lugar ideal para produzirem com a modernidade da qual sempre gostaram: com máquinas agrícolas e uso intensivo de irrigação, feita em boa parte com pivô central. Cada pivô, que possui tubulações subterrâneas e uma gigantesca estrutura giratória com 300 metros de aspersores de água, é capaz de irrigar uma área de 10 alqueires em uma única noite. Existem três pivôs centrais, estrategicamente dispostos, porque tudo que se planta ali precisa de muita, muita água.



▲ Os irmãos Joveli e suas famílias (acima) cultivam trigo, soja e milho em Itaí, São Paulo, com o auxílio da tecnologia







Depois de descarregada, a palha de milho será compactada e coberta para não apodrecer e, então, transformada em ração para o gado

A estiagem neste ano tem sido mais um problema administrado pelos irmãos, que empregam cinco funcionários. Uma estação chuvosa atipicamente seca deixou o açude formado no começo do sítio com menos de 40% de seu volume normal. Luis está considerando a hipótese de trocar o próximo plantio na área irrigada pelo pivô central de milho para soja, que é mais capaz de suportar certo estresse hídrico.

Hoje, os irmãos planejam fazer uma cobertura de solo, deixando a terra preparada para o plantio direto, feito por máquinas e no qual não se remove o solo, para que a umidade não se perca. “É a melhor prática que existe para proteger o solo da erosão”, afirma Luis, enquanto observa o trabalho do irmão Roberto, às voltas com a reusinagem de uma frente de colheitadeira. Ele quer modificar o espaçamento delas para melhorar a produtividade com o estreitamento das linhas de plantio.

“É que uma frente nova custa R\$ 70 mil. Então estamos adaptando as nossas próprias. Nós mesmos descobrimos o jeito de fazer isso”, explica o irmão que cuida do maquinário. E não é pouco: além de quatro grandes colheitadeiras, há uma semeadeira para o trigo, que tem dois depósitos, um para as sementes, outro para o fertilizante. A máquina lança a semente e, em seguida, o fertilizante, trabalhando com 21 linhas, e precisa ser levada por um trator.

Amanhã, domingo, estarão apenas os irmãos cuidando do gado e da plantação na fazenda Palmital, sem os funcionários. “Férias a gente não tem. No campo se trabalha de segunda a segunda. No domingo, as mulheres cuidam do almoço e os homens estão na lida;



▲ A lavoura de trigo da família Joveli conta com maquinário próprio e irrigação com pivô central. A tecnologia é cada vez mais presente no campo



▶ O casal Nakasato investiu nas culturas que lhe trouxeram bom custo-benefício: berinjela, cenoura, vagem e maracujá

depois do almoço, volta-se para o serviço”, conta Luis. Vida de produtor familiar é assim: se ele não estiver em seu lugar de trabalho, ninguém o substituirá.

Sábado, 7 horas da manhã, Paulínia, região de Campinas, interior paulista: Nelson e Mariko Nakasato carregam a perua Kombi com caixas de vagem francesa e berinjela (todos os itens devidamente ensacados em pacotes de um quilo cada um), maracujá, diversos tipos de hortaliças, além de várias caixas com ovos.

O casal Nakasato venderá hoje seus produtos em uma feira de artesanato no bairro Guanabara, em Campinas. “Não deixa de ser uma forma de artesanato, né?”, pondera o produtor, descendente de imigrantes japoneses. Ele e Mariko se conheceram em um baile no clube nissei da cidade de Itupeva e, em seguida, tornaram-se arrendatários de uma área de cinco alqueires em Paulínia. “A vantagem é que essa terra já tinha certificação de orgânico”, explica Nelson, que resolveu dedicar-se a esse nicho. Seu foco é nas quatro culturas que deram o melhor custo-benefício: berinjela, cenoura, vagem e maracujá. Boa parte da produção será comercializada com um atacadista. Os filhos do casal? Um no Japão há cinco anos, outro na indústria de fertilizantes.

O ANO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Os alimentos plantados por famílias tão distintas em suas origens e em suas condições, como os Nakasato de Paulínia, os Pontes de Piraju e os Joveli de Itaí, é que põem a mesa do brasileiro. A agricultura









◀ O produtor Cyro Cury exhibe os tomates de sua horta. Em torno de 80% dos agricultores que trabalham em propriedades do país têm parentesco com os donos da terra

familiar responde por 70% da comida consumida no país e, mesmo apresentando crescentes índices de mecanização – caso dos produtores de grãos de Itaí –, ainda ocupa 40% da população brasileira economicamente ativa. Os estados que mais têm estabelecimentos em regime de produção agrícola familiar são Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Ceará.

O modelo da agricultura familiar é entendido como um arranjo econômico produtivo no qual predomina a interação entre gestão e trabalho. São considerados agricultores familiares os ruralistas que dirigem o processo produtivo em suas terras, geralmente dando ênfase à diversificação de itens e utilizando o trabalho dos membros da própria família, muitas vezes complementado por funcionários assalariados. Essa é a definição adotada pelo Ministério do Desenvolvimento Social, que coordena o principal programa de governo voltado aos agricultores familiares, o Pronaf. Com grande alcance: segundo o Censo Agropecuário de 2017, 76% dos estabelecimentos rurais brasileiros estavam vinculados ao programa.

Esse modelo produtivo, facilmente reconhecível em qualquer zona rural brasileira, convive no país com a configuração patronal, na qual se instalam no campo relações regidas pelas leis trabalhistas.

É o caso das grandes fazendas pertencentes a grupos empresariais que comercializam itens agrícolas, geralmente dedicadas ao mercado externo, enquanto distintos arranjos familiares dominam o consumo interno. Juntas, as duas vertentes geraram – de acordo com o IBGE – uma safra recorde no ano de 2013: foram 188,2 milhões de toneladas de produtos agrícolas.



▲ A família França cultivava laranja, como os vizinhos, mas com a queda dos preços passou a dedicar-se aos pés de goiaba. No fim da tarde, o caminhão carregado segue rumo à indústria







◀ Na propriedade dos Dias, a colheita da batata é manual, opção que ajuda a evitar danos mecânicos ao produto

NOVOS TEMPOS NO CAMPO

Agricultura familiar pode ter vários tamanhos. E pode ser intensamente mecanizada, como prova a família Joveli, cujo patriarca, Octavio, era daqueles agricultores sempre interessados na última novidade em máquinas para o campo – e conseguiu transmitir o interesse para as duas gerações seguintes. Descendente de imigrantes calabreses que vieram tentar a vida aqui, Octavio Joveli foi um dos que perceberam que a saída para o produtor rural seria a mecanização. Com máquinas agrícolas fazendo o plantio direto e a colheita, uma boa irrigação e com sementes transgênicas, especialmente desenvolvidas para resistirem às pragas, a produtividade por hectare vem alcançando, nas últimas décadas, patamares nunca antes imaginados.

O problema é que máquinas ceifam, além de colheitas, empregos, gerando problemas sociais por onde passam, como a fuga dos desempregados para grandes centros urbanos. Com pouca qualificação, a maioria dos migrantes rurais reforça a mão de obra ociosa ou subempregada nas grandes e médias cidades brasileiras.

Com o país tornando-se cada vez mais urbano, o trabalhador avulso rural virou uma raridade. Segundo o último censo agropecuário do Brasil, feito em 2017 pelo IBGE, dos 15,1 milhões de agricultores que trabalhavam em propriedades agropecuárias no país,

▶ Marcelo Perpétuo e o filho
Guilherme: a próxima geração
tem aprendido desde cedo os
percalços no trato com o campo

apenas 4 milhões (27%) não apresentavam nenhum laço de parentesco com os proprietários. Nelson, que hoje tem 65 anos, lembra-se de quando tocava o sítio da família com o pai e o irmão, plantando morangos em Itupeva, no interior de São Paulo. “Tinha dia em que apareciam cinco ou seis querendo trabalho”, diz. Essa oferta acabou. Neste novo cenário, restaram as famílias em suas pequenas propriedades (já que costumam ser divididas a cada nova geração entre os herdeiros) e, para aqueles que conseguem comprá-las, as máquinas. Além, é claro, de um campo a ser trabalhado todo santo dia.

Não são tempos fáceis para quem vive de produzir alimentos, sobretudo com as variações climáticas confundindo ciclos da natureza, fazendo chover onde não se esperava e fazendo desaparecer a água onde mais ela era necessária. Alguns produtores cobram ajuda do governo, como crédito diferenciado para a produção familiar, compra de safra e ajuda na formação de cooperativas para pequenos produtores. Outros vão atrás do que já existe e se viram como conseguem. Outros, ainda, pensam e agem como empresas, com olhos voltados ao que acontece na economia no Brasil e no mundo hoje e daqui a seis meses – já que quem planta precisa planejar com antecedência a oferta do produto, muitas vezes apostando em uma valorização futura que nem sempre ocorre. Enquanto isso, nas cidades, boa parte da população permanece alheia a esses dilemas, como se a comida já surgisse embalada e pronta para ir à mesa.



